

Guia de reflexão-ação sobre a igualdade de gênero com meninas e meninos



Agradecimentos

O guia metodológico foi desenvolvido com a participação de meninas e meninos das comunidades rurais do município de San Ramón que participaram em processos educativos para a prevenção da Violência de Gênero.

O processo de elaboração e validação foi possível com o apoio de terre des hommes Alemanha no marco do projeto **"Um pacto intergeracional para comunidades protetoras, seguras, solidárias e equitativas"**, implementado no município de San Ramón.

A publicação foi possível com o apoio financeiro de terre des hommes Alemanha e cofinanciamento do Ministério Federal de Cooperação Econômica e Desenvolvimento da Alemanha (BMZ) no marco do projeto **"INTERPAZ - Promoção de uma cultura de paz com igualdade e equidade de gênero para meninas, meninos, adolescentes e jovens na América Latina"**, que também é implementado no município de San Ramón.



Centro de Servicios Educativos en Salud y Medio Ambiente - CESESMA

Endereço: San Ramón – Matagalpa,
Alcaldía Municipal, 1 C. al Sur y ½ C. al Oeste.

E-mail: coordinacion.cesesma2@gmail.com

Telefones: (505) 5727-1149 (claro) e (505) 7793-1916 (Tigo)

Agosto, 2020

Créditos

Contribuições para validação: Meninas e meninos de 4 comunidades rurais do município de San Ramón.

Facilitação e redação: Erika Castillo Zamora

Revisão técnica:

Martha Lidia Padilla

Manuel Antonio Medrano Calero

Aleyda Suguey Alemán

Marisol Hernández Méndez

Guillermo José Medrano

Projeto gráfico: Pamela Gómez

Tradução: Maria Mercedes Salgado

CONTEÚDO

I.	APRESENTAÇÃO	5
II.	PAUTAS METODOLÓGICAS	6
III.	O ROTEIRO METODOLÓGICO QUE PROPOMOS	12
	3.1- Guia Metodológico para refletir com meninas e meninos sobre a educação na desigualdade: objetivo e resultado	13
	Unidade I: Nascer na desigualdade de gênero	14
	Tópico 1: Ensinar a desigualdade de gênero antes do nascimento	16
	Tópico 2: A desigualdade de gênero é transmitida de geração em geração	19
	Unidade II: Expressões de "poder sobre" para sustentar a desigualdade	24
	Tópico 1: A família, a primeira escola da divisão sexual do trabalho	27
	Tópico 2: O duplo parâmetro	31
	Tópico 3: A misoginia	33
	Tópico 4: O amor é ensinado de forma diferente para meninas e meninos (amor romântico)	35
	Tópico 5: Desigualdades são a base da violência	39
	Tópico 6: Reconhecendo os meus fatores de proteção	41
	3.2- Palavras para educadoras e educadores	43
	Recorte as imagens	45

GUIA METODOLÓGICO PARA A EDUCAÇÃO DE MENINAS, MENINOS E MULHERES E HOMENS ADOLESCENTES NA PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

I. APRESENTAÇÃO

Somos o Centro de Servicios Educativos en Salud y Medio Ambiente (CESESMA) e trabalhamos em vários municípios do departamento de Matagalpa, Nicarágua.

Desde a nossa fundação em 1992, concentramo-nos em contribuir para a educação tanto em ambientes formais como não formais, trabalhando diretamente com meninas, meninos, mulheres e homens adolescentes, jovens, mães e pais, professores, lideranças comunitárias e constituímos coordenadorias com representantes de organizações similares. Nosso trabalho tem uma abordagem de direitos porque essa é a base para promover o desenvolvimento das pessoas e comunidades através do seu empoderamento, organização e incidência. Acreditamos que, para alcançar o acima exposto, é essencial abordar as relações de poder abusivas entre homens e mulheres, e acreditamos que isso é mais suscetível de melhorar se o respeito de uns pelos outros e o empoderamento de meninas, adolescentes e mulheres adultas for ensinado desde a infância.

Neste contexto, temos intensificado o nosso trabalho de prevenção da violência, incluindo o abuso sexual, desde 2007. Em 2010, aprofundamos a prevenção da violência de gênero e, com o apoio de terre des hommes Alemanha, começamos a implementar o projeto "Um pacto intergeracional para comunidades protetoras, seguras, solidárias e equitativas", no qual propusemos que o exercício da cidadania começasse com a construção de uma visão comum de uma comunidade segura, contextualizando medidas, papéis e responsabilidades concretas, que seriam auditados por meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes.

MISSÃO

Contribuir para a promoção e defesa dos direitos das meninas, meninos e adolescentes, junto a elas, eles e outros atores, por meio de processos educativos de empoderamento nas famílias, escolas e comunidades rurais.

VISÃO

Meninas, meninos e adolescentes e suas famílias vivendo sem violência, com oportunidades para sua formação integral, gestores de seu desenvolvimento humano, capazes de organizar e influenciar seu ambiente para defender seus direitos e contribuir para o desenvolvimento social, ambiental, econômico e cultural da sua comunidade.

Nos processos de formação e reflexão realizados nesse projeto, identificamos algumas atividades e técnicas que tiveram um impacto positivo na mudança de atitudes e práticas ou comportamentos relativos à violência de gênero nas meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes, que compartilhamos neste Guia, bem como outras que validamos no processo de construção do mesmo e algumas que aprendemos nos processos com colegas valiosas e valiosos. Evidentemente, é um material em revisão contínua, para que cada pessoa possa adaptá-lo e melhorá-lo de acordo com sua experiência e necessidades particulares. Esperamos que seja útil.

Gostaríamos de agradecer às meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes que fizeram parte dos processos promovidos por CESESMA; elas e eles têm sido as melhores referências de aprendizagem. Gostaríamos especialmente de agradecer às meninas e meninos que participaram no processo de validação deste Guia.

II. DIRETRIZES METODOLÓGICAS QUE ORIENTAM O GUIA

O guia baseia-se numa realidade na qual meninas e meninos têm percepções, mitos, preconceitos e ideias que são discriminatórias, excludentes, justificam a violência de gênero e o abuso sexual. Neste contexto, CESESMA desenvolve processos educativos com a finalidade de transformar.

SOBRE VIOLÊNCIA E PODER

CESESMA rejeita todas as formas de discriminação e violência, que define como qualquer prática por ação ou omissão que causa danos físicos, psicológicos ou emocionais, limite o desenvolvimento e/ou limite a dignidade e integridade das pessoas como resultado do exercício abusivo do poder, em consequência, todas as formas de violência são uma violação dos direitos humanos.

A violência física contra crianças e mulheres e homens adolescentes são todas aquelas ações ou omissões que causam danos físicos a meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes, com base no poder das pessoas adultas que violam o corpo, a intimidade e a integridade física de meninas, meninos e adolescentes, causando-lhes danos físicos e emocionais. Exprime-se no abuso físico, falta de cuidado, negligência, espancamentos, uso da força, sem ou com qualquer objeto. Não é justificável nem legítima como meio de educação e correção.



A **violência psicológica** é qualquer tipo de prática e comportamento que causa danos emocionais e psicológicos baseados no exercício abusivo do poder nas relações estabelecidas com meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes a fim de controlar, subjugar, subordinar, depreciar a dignidade e integridade das meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes. Se manifesta com gritos, insultos, zombarias, intimidação, gestos, proibições, manipulação, anulação do ser, discriminação, isolamento e impedimento do pleno desenvolvimento e do exercício dos direitos humanos.



A violência de gênero é qualquer ação ou comportamento, com base no gênero que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico às mulheres na esfera pública ou privada. Essa violência de gênero é gerada principalmente pela desigualdade de gênero, em que o masculino é sobrevalorizado e considerado superior e o feminino é desvalorizado e considerado inferior.

A **violência geracional** é qualquer forma de violência que se manifesta nas relações de poder desiguais onde as pessoas mais velhas exercem abusivamente o seu poder sobre as pessoas mais jovens, geralmente das pessoas adultas contra meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes, de um ponto de vista adultista. É qualquer ação ou comportamento, com base na idade, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico a meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes, tanto na esfera pública como privada. A obediência submissa e vertical das meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes a pessoas adultas não pode ser legitimada ou justificada. A obediência deve ser vista da perspectiva da responsabilidade e do respeito que conduz à horizontalidade entre as pessoas.



O **adultismo** baseia-se num sistema de crenças ou pensamentos que pressupõe que a pessoa adulta é superior às meninas, meninos ou mulheres e homens adolescente, ou tem mais valor, portanto, meninas e meninos são considerados inferiores ou têm menos valor. O termo se refere às práticas e comportamentos fundamentados nessas crenças que são sustentadas por uma visão da menina ou menino como um objeto, e não como um sujeito social de direitos. A menina ou o menino como propriedade dos seus pais, como mão de obra barata, entre outros.

A **violência institucional** faz referência a atos ou omissões de funcionários governamentais que discriminam ou têm o propósito de atrasar, dificultar ou impedir o exercício dos direitos humanos, no nosso caso, dos direitos humanos das meninas, meninos e adolescentes; a direção oposta será o acesso às políticas públicas destinadas a prevenir, acompanhar, investigar, sancionar e erradicar diferentes tipos de violência.

O **abuso sexual** é qualquer prática e/ou comportamento sexual fundamentado em relações de poder, domínio e controle entre pessoas que têm maior poder sobre meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes. Inclui palavras, gestos, apalpações, enganos, promessas, ameaças, chantagem, pressão, penetração, sexo oral, entre outros. Ocorre através de uma relação de parentesco, parentesco, amizade ou autoridade, na esfera privada e pública.

É um crime que causa danos à integridade e à privacidade das meninas, meninos e adolescentes e, portanto, uma violação do direito das meninas, meninos e adolescentes a viverem livres da violência sexual.

O **abuso sexual** é exercido por pessoas que têm uma relação de poder com a vítima, onde utilizam uma série de elementos (coerção, engano, chantagem, manipulação, ameaças etc.) para obter gratificação sexual, onde a vontade da vítima é subjugada. Pode ser pelo contato direto, o que inclui nudez, apalpação, masturbação, sexo anal, oral ou genital, ou pelo contato indireto quando as meninas e meninos são expostos e/ou forçados a observar estes atos. O contato indireto refere-se ao exibicionismo, insinuações sexuais, testemunhar o abuso sexual de outra menina, menino ou atos sexuais entre adultos. O abuso sexual também pode ocorrer entre pares (o código penal da Nicarágua estabelece como abuso sexual: violação, abuso sexual, assédio sexual, rapto e estupro).



Poder: A autora Jo Rowlands (1997)¹, classificou o poder em quatro classes: poder sobre, poder para, poder com e poder de dentro.

O poder sobre é o mais conhecido de todos; é um poder de controle, que consiste na capacidade de uma pessoa ou grupo de fazer outra pessoa ou grupo fazer algo contra a sua vontade. O poder está localizado na tomada de decisões (em todos os níveis) e no conflito (que pode ou não ser manifesto). Esse poder pode se refletir na violência, no uso da força, na retirada de recursos ou na atribuição de maiores recursos em troca de um tipo de comportamento, coerção, manipulação e outras formas de influenciar para impedir a expressão dos próprios interesses ou desejos, ou para os subordinar aos da pessoa ou do grupo que exerce o poder; por exemplo, influenciando na cognição, na preferência, induzindo a aceitação do papel, da carga ou do status que é imposto, por meio do controle da informação, dos processos de socialização e da internalização da opressão. Pode ser exercido por indivíduos ou grupos. Pode ter como resposta a aceitação ou resistência.

Poder para: é poder gerador, tem a capacidade de produzir um impacto ou um efeito. É um poder criativo e produtivo que gera novas possibilidades e ações sem dominação.

Poder com: é o poder coletivo que é maior do que a soma dos poderes individuais daqueles que compõem este coletivo.

Poder de dentro: este poder refere-se ao poder interior que as pessoas têm, ou seja, o poder espiritual.

CESESMA visa contribuir para o reconhecimento do poder de cada pessoa de agir e transformar as desigualdades, decidindo, propondo, agindo, influenciando e relacionando-se respeitosamente com outras pessoas. Este processo para o qual CESESMA pretende contribuir é o que é conhecido como empoderamento.

¹Op. Cit. por Luz Maceira Ochoa, *Lectura de apoyo El Proceso de Empoderamiento, Manual de capacitación en derechos humanos de las mujeres jóvenes y la aplicación de la CEDAW*, 174-175.

SOBRE A PARTICIPAÇÃO

Para CESESMA, a participação é um direito humano, e está consagrado na Convenção sobre os Direitos da Criança e no Código da Criança da Nicarágua. Esses acordos consideram que "participação" significa:

- Aderir, associar-se com outros. Fazer parte de algo. Viver uma experiência com os outros.
- Se expressar / comunicar.
- Tomar decisões.
- Ser tomado em consideração.
- Agir para incidir/ possibilitar mudanças.

Promover a participação de meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes é importante porque:

- As crianças e adolescentes são sujeitos sociais e gestores do seu próprio desenvolvimento.
- A participação é uma necessidade para o pleno desenvolvimento psicossocial do ser humano.
- A participação fortalece e protege as meninas, meninos e mulheres e homens adolescentes de situações de violência e violação dos seus direitos.
- A participação é uma componente essencial do exercício da cidadania.
- A participação fomenta, fortalece e aprofunda a democracia.
- A participação melhora a governabilidade.
- A participação propicia relações de afetividade, equidade e respeito nas famílias e comunidades.
- A participação reforça o sentido de identidade e autoestima, bem como de pertencimento e integração social.
- A participação contribui para melhorar a tomada de decisões públicas sobre as questões da infância, adolescência e juventude.
- A participação permite a todas e todos contribuir para o desenvolvimento, com melhores resultados em todos os níveis.

Este Guia propõe diretrizes metodológicas e técnicas para trabalhar de forma participativa com meninas e meninos de 8 a 12 anos, o que lhes permitirá refletir e desenvolver empatia com pessoas que vivem ou enfrentam situações de violência, particularmente mulheres de todas as idades.

III. O ROTEIRO METODOLÓGICO QUE PROPOMOS

A imposição de identidades e papéis de gênero precede o nascimento de pessoas, quando estas nascem são sujeitas a todo um processo de construção da "feminilidade" e "masculinidade" geralmente dentro desse marco binário, estabelecendo certas regras e condições dentro de uma estrutura de poder de uns sobre os outros, e aqueles que se atrevem a sair deste "deve ser" serão severamente punidos. Este sistema rígido reprova e pune qualquer forma de diversidade. Por exemplo, hoje em dia sabe-se que há quem não se identifica com nenhuma dessas identidades e sofre discriminação e rejeição, e isso é violência, assim acontece com as pessoas que divergem do padrão heteronormativo, entre outras.

Por essa razão, acreditamos que a reeducação ou transformação das regras ou imposições deve ser feita antes das pessoas nascerem. Pode também começar na infância, adolescência, juventude e mesmo da idade adulta, pois há sempre tempo para fazer do nosso mundo um lugar mais justo e equitativo para vivermos.

A nossa experiência nos ensina que as mudanças nas meninas e meninos são alcançadas na medida em que existe um roteiro metodológico que propicia três coisas importantes:

- Encorajar a empatia com pessoas que vivam qualquer situação que viole ou afete a sua integridade.
- Gerar reflexão sobre a própria conduta e tomada de consciência das ações ativas e/ou passivas que são assumidas em situações de violência, seja para ferir a outra pessoa e/ou para ativar fatores de proteção, considerando as relações de poder existentes.
- Incentivar a se comprometerem com a mudança, protegerem-se e respeitarem a integridade da outra pessoa, algo simples, prático na vida cotidiana e exequível.



As meninas e meninos dos 8 aos 12 anos de idade, que é a faixa etária a que este Guia se orienta, estão na fase do pensamento lógico, das operações concretas. Isto significa que é uma fase de raciocínio lógico, que lhes permite relacionar fatos que aconteceram no passado com os presentes, são capazes de "colocar-se no lugar" da outra pessoa; nesta fase é possível desenvolver um pensamento abstrato, a partir do concreto. É importante levar isso conta ao definir os objetivos de cada fase metodológica e ao desenvolver as técnicas.

A ordem dos objetivos sugeridos é a seguinte:

1. Gerar empatia por meio da representação de situações do cotidiano no "lugar do outro".
2. Incentivar o reconhecimento do próprio comportamento e responsabilidade pela mudança pessoal a fim de não reproduzir comportamentos que contribuam para a violência.
3. Promover o reconhecimento de fatores de proteção face à violência de gênero.

Por último, mas não menos importante, trata-se de insistir na descrição dos valores, conhecimentos e competências que a pessoa facilitadora desses processos deve ter.

3.1 GUIA METODOLÓGICO PARA REFLETIR COM MENINAS E MENINOS SOBRE A EDUCAÇÃO NA DESIGUALDADE: OBJETIVO E RESULTADO


Objetivo: Possibilitar o reconhecimento do impacto da educação na desigualdade sobre os indivíduos.

Resultado: Meninas e meninos reconhecem as várias mensagens que a sociedade transmite às mulheres e homens para educá-las/os de acordo com os estereótipos de gênero. Com base nesse conhecimento, ilustram o seu caminho de mudanças e fatores de proteção.

É necessário que a equipe facilitadora estude os estereótipos de gênero e as diferentes estratégias utilizadas pelo sistema patriarcal para alimentar a desigualdade. É importante adaptar a linguagem ao nível do desenvolvimento das meninas e meninos, lembrando que as mensagens devem ser breves, em linguagem simples e ligadas às suas experiências diárias, respeitando sempre a sua privacidade.

**UNIDADE I: NASCER NA DESIGUALDADE
DE GÊNERO**





As meninas e os meninos estão sujeitos à violência de gênero e geracional antes de nascerem. Em muitas ocasiões, quando mães e pais descobrem o seu sexo biológico durante a gravidez, começa a surgir uma série de atitudes discriminatórias no caso das meninas e a imposição das masculinidades hegemônicas no caso dos meninos. Em outras palavras, a sociedade já tem um roteiro pré-estabelecido para estas crianças antes do seu nascimento, de acordo com o status quo, o que infelizmente inclui a violência.

É assim que, ao nascer, por meio da socialização, as subjetividades femininas serão educadas propensas à submissão, à auto-repressão, à culpa, e à construção de uma identidade subordinada ao cuidado dos outros, à maternidade, ao sacrifício e ao desamparo aprendido. Em contraste, a subjetividade masculina será educada para o oposto, isto é, para a liberdade, controle, domínio, exercício do poder sobre outras pessoas, não-responsabilidade pelo cuidado dos outros e um sentido de propriedade sobre pessoas, animais e bens. Qualquer pessoa que se desvie desses cânones é severamente castigada pelo sistema patriarcal. O filósofo e padre jesuíta Martín Baró descreveu-o desta forma:

"na medida em que a ordem internalizada, as exigências sociais adequadas exigem a submissão das pessoas a uma ordem opressiva que as aliena e desumaniza, nessa medida o processo de socialização constitui um mecanismo de violência institucional". (Martín-Baró 2001 citado no *La desigualdad de género comienza en la infancia*, Red por los Derechos de la Infancia en México).

É necessário encontrar formas simples para meninas e meninos se darem conta de como este processo de socialização acontece, e tendo em conta os grupos etários que irão trabalhar com este Guia, recomenda-se uma série de exercícios descritos abaixo.

Tópico 1: Transmitir a desigualdade de gênero antes do nascimento

Este tópico visa introduzir meninas e meninos à reflexão sobre como a desigualdade é ensinada desde antes do nascimento e como os papéis de gênero são socializados na infância.

Técnica 1: Chá de bebê de mensagens

Esta técnica procura que meninas e meninos lembrem e repitam todas as regras de estereótipo de gênero que são ditas às futuras mães e pais sobre a forma de educar sua filha ou filho. A pessoa facilitadora pode começar com a primeira mensagem à menina e ao menino para dar uma deixa, porque se forem meninas e meninos que receberam seminários, provavelmente dirão o "ideal" de como uma mulher e um homem devem ser, e não como a sociedade patriarcal realmente educa.



Tempo: 60 minutos

Materiais: Brinquedos, roupas de bebê, flipcharts², pincéis atômicos, folhas de papel de duas cores cortadas pela metade.

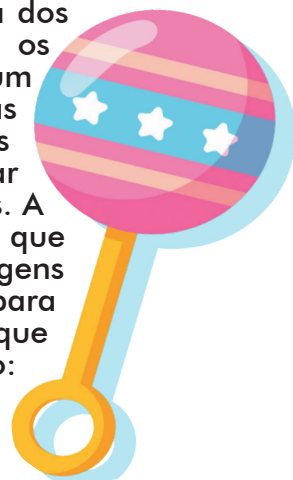
Descrição: Solicita-se 3 voluntárias e 3 voluntários. São formadas duas famílias tradicionais, com uma mãe, um pai e uma filha; e outra família com uma mãe, um pai e um filho. Explicar às crianças que elas representarão uma família que espera um filho e a outra uma filha, e que terão um chá de bebê onde não só levarão presentes, mas também darão mensagens.

²O flipchart é composto por uma estrutura de cavalete e por um grande bloco de papel para anotações.

Vamos dar os presentes: Os brinquedos são colocados no centro para que cada participante possa escolher o que vai dar de presente a cada família e também escrever num cartão (previamente atribuído com cores diferentes para cada família) uma mensagem que tenham ouvido na sua comunidade quando sabem que vai nascer uma menina ou um menino. Aqui recomenda-se que a equipe facilitadora comece por dar a primeira mensagem porque por vezes as crianças dizem o “ideal”, especialmente se já estiveram em formações anteriores, e aqui a intenção é refletir sobre as mensagens que as sociedades sexistas em geral transmitem e o impacto nas pessoas.

Vamos nos sentar e refletir: No final da entrega dos presentes e mensagens a cada família, as e os participantes são convidadas/os a sentar-se num círculo, incluindo aqueles que representaram as famílias. Aquelas/es que desempenham os papéis de filha e filho são convidados a partilhar como se sentiram ao ouvir todas essas mensagens. A pessoa que facilita deve separar as mensagens que incitam à discriminação das que são mensagens positivas. Primeiro, lerá as mensagens positivas para as meninas e meninos participantes e pedirá que digam como se sentem e como sentem seu corpo: energizado, sem energia, animado, desencorajado etc. O objetivo é fazê-las/os compreender como essas mensagens afetam as pessoas. A pessoa facilitadora lerá então as mensagens negativas (sexistas, discriminatórias) e pedirá às crianças para dizerem como se sentem, como sentem seu corpo: preguiçoso, forte, animado, desencorajado, com energia, sem energia.

Pede-se às/aos participantes que juntem os brinquedos com as mensagens, por exemplo, se houver uma mensagem que diga "seja uma boa mãe" e se houver um brinquedo de bebê, juntá-los, e assim por diante. Isto para que possam ver concretamente como os brinquedos e jogos servem para educar sobre como ser uma mulher e como ser um homem.



Fechando com ideias-força: É mais fácil para meninas e meninos perguntarem sobre situações claramente identificáveis, por exemplo, acham que isto é justo ou injusto? Acham que este comportamento é certo ou errado? A equipe facilitadora deve perguntar:

- Que sentimento prefere sentir: energizado ou sem energia?
- O que os brinquedos nos ensinam?
- Acha que as mensagens discriminatórias são justas?
- O que acontece quando uma menina não se comporta como a sociedade espera? Por exemplo, gosta de esportes que os homens praticam habitualmente, não quer ser mãe etc. E um rapaz que não se comporta de forma violenta, que não é rápido para correr ou chutar a bola?

As ideias-força que devem ficar:

Meninas e meninos devem gozar dos mesmos direitos à liberdade e ao respeito.

- Meninas e meninos são pessoas que sentem o mesmo, são capazes de aprender as mesmas coisas e podem desenvolver as mesmas competências, podem fazer os mesmos trabalhos, cuidar das suas filhas e filhos, ser afetuosos, fortes e corajosos.
- A sociedade tem várias formas de "punir" e "sancionar" mulheres e homens que não cumprem os seus papéis, mas no caso das mulheres vai até o extremo de assassiná-las.
- As mensagens discriminatórias da sociedade tornam o mundo mais perigoso para as meninas e colocam os meninos numa posição de praticar a violência, o que não é benéfico para ninguém.

Exercício de encerramento: Dar a cada menina e menino um cartão e pincéis atômicos para anotar que direitos acreditam ter, com base nesse tópico.

TÓPICO 2: A DESIGUALDADE DE GÊNERO SE TRANSMITE DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO

Este tópico visa facilitar a compreensão de como mensagens discriminatórias, padrões violentos de educação, mitos sobre a suposta fraqueza das mulheres e a superioridade dos homens são transmitidos de geração em geração por meio de crenças que são aprendidas. Portanto, cada pessoa pode decidir não repetir mensagens sexistas, discriminatórias, que promovem a desigualdade e a violência com as mulheres, meninas e meninos etc.

Técnica 2: Comparando três gerações da minha família

Tempo: 90 minutos.

Materiais: Silhuetas de idosa e idoso, mulher adulta, homem adulto, menina e menino, flipcharts, pincéis atômicos, fita adesiva, cartões.

Descrição: São feitas três silhuetas femininas (uma idosa, uma adulta e uma menina) e três silhuetas masculinas (um idoso, um adulto e um menino), cada uma representando uma geração: a idosa e o idoso representam avós e avôs; a adulta e o adulto representam a mãe e o pai; e a menina e o menino representam a/o própria/o participante.

Trabalho de grupo: Dividir-se em grupos de 4 pessoas por sexo. Ao lado da figura, colocar algumas questões para que sejam respondidas e um/a representante do grupo fará uma apresentação para partilhar os resultados entre todas e todos as/os participantes.

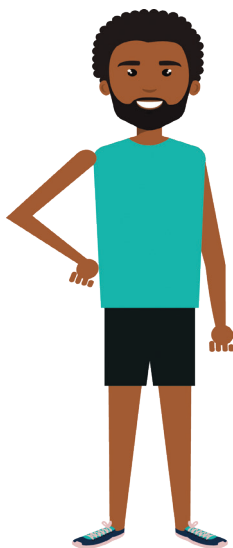


- 1- No que meu avô trabalhava?
- 2- O que dizia ou diz o meu avô sobre como as mulheres devem ser?
- 3- O que dizia ou diz o meu avô sobre como os homens devem ser?
- 4- Como meu avô punia seus filhos e filhas?



- 1- No que minha avó trabalhava?
- 2- O que dizia ou diz a minha avó sobre como as mulheres devem ser?
- 3- O que dizia ou diz a minha avó sobre como os homens devem ser?
- 4- Como minha avó punia seus filhos e filhas?

- 1- No que minha mãe trabalha?
- 2- O que minha mãe dizia ou diz sobre como as mulheres devem ser?
- 3- O que minha mãe dizia ou diz sobre como os homens devem ser?
- 4- Como minha mãe pune seus filhos e filhas?



- 1- No que meu pai trabalha?
- 2- O que meu pai dizia ou diz sobre como as mulheres devem ser?
- 3- O que meu pai dizia ou diz sobre como os homens devem ser?
- 4- Como meu pai pune seus filhos e filhas?



- 1- No que eu ajudo em casa?
- 2- Como eu penso que as mulheres devem ser?
- 3- Como eu penso que os homens devem ser?
- 4- Como eu puno minhas irmãzinhas, irmãozinhos, sobrinhas/os?



- 1- No que eu ajudo em casa?
- 2- Como eu penso que as mulheres devem ser?
- 3- Como eu penso que os homens devem ser?
- 4- Como eu puno minhas irmãzinhas, irmãozinhos, sobrinhas/os?

Socialização: Cada grupo apresentará os resultados do seu trabalho e a equipe facilitadora deverá gerar uma reflexão coletiva com base nas seguintes questões:

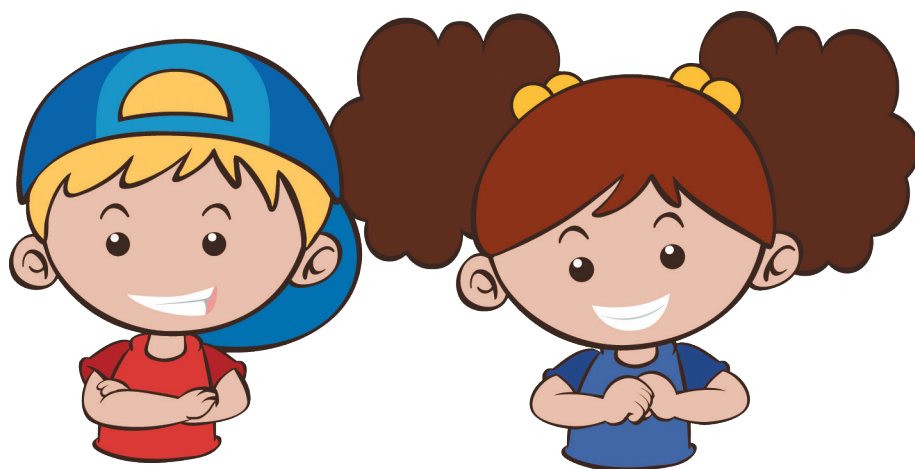
- a) No que as histórias das avós, mães e meninas são parecidas.
- b) No que as histórias dos avôs, pais e meninos são parecidas.
- c) Que diferenças encontramos nas diferentes gerações?
- d) O que eu gostaria de mudar nessas histórias?
- e) Como eu posso mudar e não repetir as histórias? Escrever num cartão um compromisso pessoal (algo que eu possa fazer na minha vida real, cotidiana) para mudar a história.

Ideias-força:

Todas as pessoas são iguais em direitos e responsabilidades. Os mitos e crenças são apenas isso, ideias que não têm base científica.

Todas as pessoas podemos decidir não repetir mensagens e atitudes discriminatórias, injustas e violentas.

Todas as pessoas temos a responsabilidade de construir uma sociedade justa, respeitosa e pacífica, e podemos fazê-lo compreendendo que nenhuma pessoa é menos do que outra, e ninguém merece discriminação, humilhação e violência.



Gerar uma reflexão que permita a todas e todos identificar pequenas mudanças na forma de agir e de se expressar na sua vida cotidiana, para que a discriminação, a violência, o sexismo, o machismo etc., não sejam reproduzidos.

Exercício de encerramento: Dar a cada menina e menino um cartão e pincéis atômicos para anotar que direitos acreditam ter, com base nesse tópico.

**UNIDADE II: EXPRESSÕES DE “PODER SOBRE” PARA
SUSTENTAR A DESIGUALDADE**



O patriarcado é um sistema de poder de uns sobre outros que rege as relações políticas, económicas, sociais, culturais, afetivas etc., através das quais institucionaliza e perpetua as suas normas, leis, formas de agir, pensar, sentir, comunicar, relacionar-se, onde o homem e o masculino são o parâmetro da humanidade, dando-lhe privilégios, promovendo e institucionalizando o seu domínio e superioridade sobre o feminino e a mulher. A filósofa Celia Amorós define-o da seguinte forma:

"O Patriarcado... longe de ter uma unidade ontológica estável, é um conjunto prático - ou seja, é constituído em e através de sistemas de práticas reais e simbólicas e retira toda a sua consistência dessas práticas. Um conjunto prático assim não pode deixar de ser metaestável. Assim, poderíamos dizer que o patriarcado é o conjunto metaestável de pactos – assim mesmo metaestável - entre homens, pelo qual o coletivo de homens é constituído como gênero-sexo e, correlativamente, o das mulheres, pela razão acreditamos que não faz muito sentido estabelecer uma tipologia abstrata de sistemas gênero-sexo, distinguindo analiticamente a construção cultural diferencial dos gêneros do fato de que a hegemonia pode tê-la em princípio qualquer um dos dois, resultando assim sistemas de sexo-gênero com dominação masculina ou com dominância feminina ou também igualitários." (Amorós, 1990)

Esse sistema de práticas reais deve criar uma certa subjetividade das pessoas em um nível simbólico suficientemente enraizado para que possam direcionar, justificar e dar origem a representações sociais que se refletirão em comportamentos de acordo com mandatos patriarcais, o que implica uma relação de opressão e submissão, em nível subjetivo e objetivo.

Essa subjetividade é gerada por meio da socialização patriarcal com a ajuda de instituições como a família, a educação, a mídia, as instituições religiosas etc., que produzem e divulgam mensagens, em nível simbólico, prático, oral sobre uma série de papéis, normas, crenças, comportamentos e rituais que terão como denominador comum o exercício do poder sobre mulheres, meninas e meninos, e tudo o que for "dominável" pelo poder do patriarca.

Muito brevemente neste Guia iremos abordar algumas destas práticas, umas que operam a um nível subjetivo utilizando certas estratégias (como o parâmetro duplo, por exemplo) que irão criar uma certa "identidade" nas mulheres e homens. Vamos explorar essas estratégias de maneira simples:

Duplo parâmetro: Ocorre quando um mesmo comportamento, situação ou característica humana é julgada ou avaliada de forma diferente, com parâmetros diferentes, mesmo opostos, e instrumentos diferentes para um e outro sexo. Por exemplo, a força e a bravura em um homem são celebradas e incentivadas, enquanto nas mulheres faz com que sejam chamadas pejorativamente de "machonas" ou "mandonas".

Divisão sexual e de gênero do trabalho: a economista Clara Murguialday explica assim (Murguialday):

"A crescente separação entre a esfera privada (familiar ou doméstica) e a esfera pública deu origem a uma primeira divisão de gênero do trabalho, que atribui atividades relacionadas ao cuidado da família para as mulheres e aos homens atuação nas esferas públicas. Disso deriva uma especialização das mulheres em papéis reprodutivos (como mães e responsáveis pelo bem-estar familiar) e dos homens em papéis de produtores (trabalhadores remunerados, provedores do sustento econômico do lar).

Uma segunda divisão de gênero do trabalho ocorre no campo do emprego. Quando as mulheres ingressam no mercado de trabalho, percebem que nele opera uma segregação sexual, que lhes reserva principalmente ocupações e tarefas relacionadas às capacidades, atitudes e qualidades assumidas como femininas, geralmente uma extensão dos papéis reprodutivos desempenhados por elas no lar.

O pressuposto social de que o trabalho remunerado é uma atividade subsidiária para as mulheres (porque o estereótipo feminino estabelece que as atividades maternas e domésticas são seu papel principal) torna a força de trabalho feminina uma força de trabalho secundária e justifica as diferenças salariais que existem entre homens e mulheres em todas as sociedades atuais".

Misoginia: o termo vem do grego ('miso': 'odiar' e 'gyne': 'mulher'). Trata-se de rejeição, aversão, desprezo, repúdio e até mesmo ódio às mulheres e/ou ao feminino por considerá-las inferiores. Essa atitude está inculcada tanto na subjetividade das mulheres quanto dos homens, por isso, por exemplo, muitas vezes ouvimos mulheres que “atacam” outras mulheres. Isso é misoginia internalizada. No caso dos homens, a misoginia é explícita e é um dos pilares da violência e discriminação contra as mulheres.

Tópico 1: A família, a primeira escola da divisão sexual do trabalho

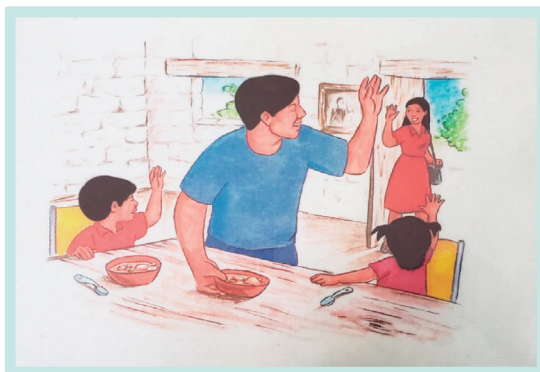
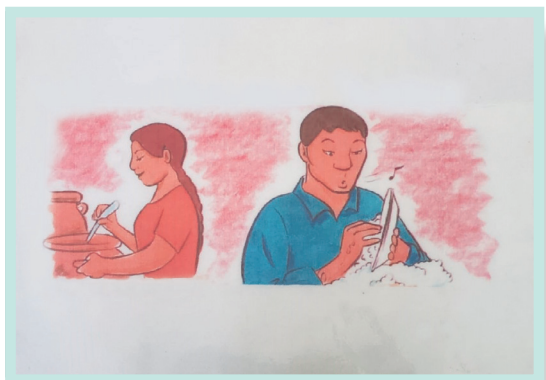
Este tópico irá utilizar técnicas que ajudam meninas e meninos a refletir sobre a forma como os adultos se comportam. Também, para poder analisar com elas e eles o trabalho excessivo das mulheres e a desvalorização do que elas fazem. Em suma, a intenção é abordar os papéis produtivos e reprodutivos e a tripla jornada de trabalho das mulheres.

Técnica 1: Ilustrações com papéis de gênero e o relógio

Tempo: 120 minutos

Materiais: Ilustrações de CESESMA (pode recortá-las no final desta publicação) e o desenho de um grande relógio, uma folha com horários para cada menina e menino, pincéis atômicos, fita adesiva, lápis, cartões.

Ilustrações com papéis de gênero



Hora	O que fazem a mãe, meninas e mulheres adolescentes da casa?	O que fazem o pai, meninos e homens adolescentes da casa?
1 às 2 da manhã		
3 às 4 da manhã		
5 às 6 da manhã		
7 às 8 da manhã		
9 às 10 da manhã		
E assim por diante...		

Descrição: Colocar as ilustrações no chão e pedir às meninas e meninos que formem um círculo em volta dessas imagens para que todas/os possam vê-las.

Trabalho em grupos com 4 pessoas: Cada grupo é convidado a escolher uma ilustração na qual escreverá os horários da família, imaginando o que as mulheres e os homens da família mostrados na figura fazem num dia inteiro, desde o início da manhã até o fim da noite. Devem escolher uma pessoa para apresentar o trabalho do grupo.

Socialização: Cada grupo apresenta sua folha com horários. Pede-se às meninas e meninos que pensem e compartilhem as suas reflexões com base nas seguintes questões instigantes:

- Quem trabalha mais e por quê?
- Quem ganha dinheiro pelo que faz?
- Vocês consideram esta situação (trabalhar mais e não ganhar dinheiro) justa?
- Quanto valeria cada atividade que a mãe faz em casa (lavar, passar, cozinhar etc.)? (Escrever o preço de cada tarefa separadamente.)
- Vocês agora pensam que a mãe não traz dinheiro para o lar?
- O que fazem as mulheres e as meninas nas ilustrações?
- O que fazem os homens e os meninos nas ilustrações?
- Acham que é justo o que essas imagens representam?
- No final do dia, promover um compromisso pessoal dos meninos para partilhar responsabilidades no lar.

Ideias-força:

É importante que o trabalho das mulheres de qualquer idade no lar, e também nas roças da família, seja reconhecido e valorizado como uma contribuição econômica para a família.

Há trabalhos ocultos que as mulheres fazem que não podem ser vistos, pois enquanto fazem uma tarefa, fazem duas ou três ao mesmo tempo. Trabalham fora de casa e, quando chegam em casa, trabalham nos afazeres domésticos. Geralmente, são as primeiras a se levantar e as últimas a ir para a cama. Isso é chamado de dupla ou tripla jornada, e é necessário que os homens assumam suas responsabilidades em casa para que a carga de trabalho seja igual.

Meninas e meninos devem aprender essa responsabilidade em casa desde a infância, sem distinção de gênero, sexo, devem assumir tarefas de acordo com suas idades.

Uma família que reforça a dupla ou tripla jornada, papéis de gênero e estereótipos, está contribuindo para a desvalorização e maus-tratos da mulher, por isso é necessário que desde a infância analisemos a injustiça dessa situação e promovamos mudanças. Meninas e meninos podem mudar e se tornar adultos justos.

É necessário que para as mulheres de todas as idades também seja respeitado o seu direito ao descanso, lazer, saúde, autocuidado, participação, educação.

Exercício de encerramento: Dê a cada menina e menino um cartão e pincéis atômicos para que possam escrever, com base nesse tópico, quais direitos acreditam ter.

Tópico 2: Duplo parâmetro

Neste tópico serão utilizadas técnicas que estimulem meninas e meninos a enxergarem a forma desigual como um mesmo comportamento é avaliado dependendo de quem o pratica, para que compreendam visualmente o duplo parâmetro.



Técnica 2: A balança do rei

Tempo: 120 minutos.

Materiais: Uma balança, bolinhas de gude, pincéis atômicos, flipcharts, cartões.

Descrição: Trabalho coletivo. As meninas e os meninos são informados de que estão em uma sociedade onde existe um rei que está fazendo uma lista de como são homens e mulheres no seu reino e ele possui uma balança com a qual dará peso e valor a cada característica de homens e mulheres. No centro da sala, são colocados uma balança, uma boneca e um boneco. A pessoa que facilita diz:

"Eu sou o rei desta sociedade e exijo que as mulheres do meu povo sejam..." e pede-se ao grupo para completar a frase mencionando características que as mulheres devem ter. Depois, a pessoa facilitadora diz "Eu sou o rei desta sociedade e exijo que os homens do meu povo sejam...". Recomenda-se que a equipe facilitadora comece mencionando um exemplo de estereótipo de gênero para cada sexo para que meninas e meninos citem exemplos reais. A equipe facilitadora escreve em flipcharts separados o que elas e eles dizem sobre como "deveriam ser" as mulheres e como "deveriam ser" os homens". A pessoa que interpreta o rei pergunta:

"Meus vassalos, quanto valor em bolinhas de gude damos a cada característica desta mulher?" As meninas e os meninos devem decidir: 1 bolinha representa um valor baixo, 2 bolinhas valor médio e 3 bolinhas um valor muito alto. Escreve-se no flipchart o número de bolinhas dado a cada característica, além de colocá-las na balança. O mesmo procedimento é feito com as características dos homens.

Ao finalizar, a pessoa que interpreta o rei diz: "Oh, há uma mulher que tem as características de um homem de 'paquerar muitos homens' (porque era a característica que os homens no seu reino tinham). Se vê com bons olhos que uma mulher seja assim no meu reino? O que fazemos com estas bolinhas de gude?" Aqui as meninas devem decidir se querem remover as bolinhas de gude, adicioná-las ou não. A seguir, repete-se o exercício com as características dos homens, e o facilitador/a que interpreta o rei diz: "Oh! Há um homem que tem as características de uma mulher 'ser uma boa dona de casa' (porque essa era a característica que as mulheres no seu reino tinham). Se vê como bons olhos que um homem seja assim no meu reino? O que fazemos com estas bolinhas de gude?" Aqui as meninas devem decidir se querem removê-las, adicioná-las ou não.

Socialização: Ao final, somam-se as bolinhas de gude e observam-se as mudanças na balança para que possam visualizar que uma mesma característica é avaliada de forma desigual de acordo com o sexo e gênero da pessoa, com base nas seguintes questões estimuladoras:

- Exemplo de características que pesam mais nas mulheres?
- Que características pesam mais nos homens?
- Quais pesam igual?
- Que características pesam menos nas mulheres?
- Que características pesam menos nos homens?
- Por que vocês acham que determinada característica pesa menos em uma mulher?
- Por que vocês acham que essa mesma característica pesa mais em um homem?
- Vocês consideram isso justo?

Ideias-força:

- É importante para meninas e meninos distinguirem que características positivas devem ser possuídas por todas as pessoas, independentemente de seu sexo/gênero.
- As características negativas devem ser rejeitadas em qualquer pessoa, independentemente de seu sexo/gênero.
- Quando uma mulher é ridicularizada por uma característica positiva (por exemplo, ser forte quando joga futebol), a intenção é que as mulheres duvidem de suas capacidades e acreditem dentro de si que essa característica nelas é incorreta e não deveriam tê-la. Dessa forma, elas vão se considerar muito diferentes e quase opostas aos homens, reforçando assim a ideia de que as mulheres são "fracas" por natureza. Quando um menino é ridicularizado por uma característica positiva (por exemplo, ser sensível e não gostar de jogos violentos), a intenção é fazê-lo duvidar de sua sensibilidade e acreditar no seu interior que isso é errado e não deve ser assim. Dessa forma, considerará que ele é muito diferente das mulheres e, em oposição, que os homens são "fortes e violentos" por natureza.

Exercício de encerramento: Dê a cada menina e menino um cartão e pincéis atômicos para que possam escrever, com base nesse tópico, quais direitos elas e eles acreditam ter.



Tópico 3: A misoginia

Neste tópico, será utilizada uma técnica que permite que meninas e meninos compreendam como a rejeição da mulher e do feminino ocorre de forma sutil e ao mesmo tempo explícita, com o propósito de que as mulheres nunca encontrem seu lugar no mundo, façam o que fizerem sempre são rejeitadas e "não gostam delas".

Técnica 3: As meninas de quem não gostamos (misoginia)

Tempo: 90 minutos

Materiais: Flipchart, pincéis atômicos, fita adesiva, cartões.

Descrição: Trabalho na plenária. Pede-se às meninas e meninos que pensem nas meninas e adolescentes que não são apreciadas pela sociedade e que escrevam nos cartões. Pergunte-lhes: Por que não gostam delas? Colar os cartões com as respostas na parede ou no quadro negro, a equipe facilitadora pode começar falando, se o grupo não conseguir começar sozinho, por exemplo, "das meninas que têm muitos namorados" ou "das meninas mandonas", e assim colar todos os cartões na parede ou no quadro negro.

Pede-se que analisem cada uma das razões pelas quais não gostam de uma menina e de uma adolescente e que pensem se existem contradições. A equipe facilitadora pode ajudar, por exemplo, se houver uma resposta que diz "as meninas choronas e delicadas" e outra que diz "as meninas molecas", pode escolhê-las e colocá-las de lado enquanto pergunta ao grupo:

- Vocês acham que há uma contradição entre essas duas afirmações? E assim fazê-lo com todas as respostas que são contraditórias. Ao terminar de localizar as respostas contraditórias, pergunte ao grupo:
- Vocês acham que existe alguma mulher que escapa de ser odiada? Aqui o importante é gerar uma reflexão que permita que meninas e meninos vejam que tudo que as mulheres fazem, não importa o que seja, sempre será motivo de rejeição.

Ideias-força:

- A equipe facilitadora deve deixar claro na discussão na plenária que o sistema foi responsável por criar uma série de regras, normas e ideias sobre as mulheres que as fazem sempre se sentirem ineficazes, inúteis, "perversas", "más", tolas, envergonhadas, culpadas etc., pois tudo o que qualquer mulher faz, sente ou pensa sempre será criticado negativamente.
- O sistema também ensina as mulheres a estarem insatisfeitas com o próprio corpo por serem gordas, magras, altas, baixas, morenas, brancas etc. Resumindo, a intenção é que qualquer mulher seja criticada também por seu corpo e aparência.
- Os homens são ensinados que eles nunca devem se parecer com uma mulher e devem rejeitar tudo que é "feminino", por exemplo, se um menino chora, as pessoas o criticam: "você parece uma menina chorona". Ainda aprendem a recusar as tarefas domésticas, e zombar e ridicularizar tudo o que é feminino e as meninas. Em suma, eles são ensinados a "odiar" e "desprezar" qualquer coisa feminina.
- São espalhadas muitas ideias falsas sobre as mulheres para que sejam discriminadas, por exemplo, "as mulheres são traiçoeiras", "as mulheres são interesseiras", "as mulheres são fracas", "as mulheres são bobas", "as mulheres são fofoqueiras", etc. Com o propósito de que nem as próprias mulheres nem os homens respeitem e confiem nelas ou em suas habilidades. É por isso que, por exemplo, muitas mulheres dizem "prefiro ter amigos homens porque as mulheres são traiçoeiras". Dessa forma, o sistema também consegue que as mulheres se separem e sejam rivais entre si.

Exercício de encerramento: Dê a cada menina e menino um cartão e pincéis atômicos para que possam escrever, com base nesse tópico, quais direitos elas e eles acreditam ter.

Tópico 4: O amor é ensinado de forma diferente para meninas e meninos (amor romântico)

Neste tópico, será apresentada uma série de frases comumente usadas sobre os mitos em torno do amor romântico para gerar reflexão entre meninas e meninos, permitindo que identifiquem a desigualdade e o impacto negativo que o amor romântico tem nos direitos das mulheres.

Técnica 4: O repolho do amor

Tempo: 120 minutos

Materiais: Aparelho de som, uma bolinha e várias tiras de papel com frases diferentes sobre o amor que serão usadas para embrulhar a bola e deixá-la parecida com um repolho, flipcharts, pincéis atômicos, fita adesiva e 2 cartões para cada participante, um que diz "concordo" e o outro "discordo", que servirão para votação.

Exemplo de frases que podem ser usadas, além de outras que a equipe facilitadora pode acrescentar:

1. Se uma menina ama seu irmão mais velho, ela deve cozinhar para ele todos os dias.
2. Se um menino ama sua irmã mais velha, ele deve cozinhar para ela todos os dias.
3. Se uma menina ama seu pai, ela deve lavar as roupas dele.
4. Se um menino ama sua mãe, ele deve lavar as roupas dela.
5. Se uma menina ama sua mãe, ela deve ajudá-la nas tarefas domésticas.
6. Se um menino ama sua mãe, ele deve ajudá-la nas tarefas domésticas.



7. Se uma menina ama seus irmãos mais novos, ela deve cuidar deles, mesmo que falte às aulas.
8. Se um menino ama seus irmãos mais novos, ele deve cuidar deles, mesmo que falte às aulas.
9. Se uma menina ama seu tio, ela deve deixá-lo acariciá-la e beijá-la em lugares que a fazem sentir vergonha. (A facilitadora ou facilitador induz a refletir que esta é uma situação de abuso sexual, ninguém deve tocar seu corpo.)
10. Se um menino ama seu tio, ele deve deixá-lo acariciá-lo e beijá-lo em lugares que o fazem sentir vergonha. (A facilitadora ou facilitador induz a refletir que esta é uma situação de abuso sexual, ninguém deve tocar seu corpo.)
11. Se uma menina ama seus pais, ela deve colaborar nas tarefas domésticas e no trabalho do campo.
12. Se um menino ama seus pais, ele deve colaborar nas tarefas domésticas e no trabalho do campo.
13. Se uma jovem ama seus pais, ela deve se casar com quem eles escolherem.
14. Se um jovem ama seus pais, ele deve se casar com quem eles escolherem.
15. Se uma jovem ama seu namorado, ela deve dar a ele a "prova do amor" e enviar fotos e vídeos dela "sexy".
16. Se um jovem ama sua namorada, ele deve dar a ela a "prova do amor" e enviar fotos e vídeos dele "sexy".
17. Se uma jovem ama seu namorado, ela deve deixar os amigos que o namorado não gosta.
18. Se um jovem ama sua namorada, ele deve deixar os amigos que a namorada não gosta.
19. Se uma jovem ama seu namorado, ela deve abandonar a escola.
20. Se um jovem ama sua namorada sempre deve dizer a ela aonde vai e com quem vai.
21. Se uma esposa ama seu marido, ela deve ter todos os filhos e filhas que ele deseja.



22. Se um esposo ama sua esposa, ele deve ter todos os filhos e filhas que ela deseja.

23. Se uma esposa ama seu marido, ela deve se vestir como ele quiser.

24. Se um esposo ama sua esposa, ele deve se vestir como ela quiser.

25. Se uma esposa ama sua família, ela deve suportar seu marido, mesmo que ele seja um bêbado e a maltrate.

26. Se um esposo ama sua família, ele deve suportar sua esposa, mesmo que ela seja uma bêbada e o maltrate.

Descrição: Trabalho coletivo. As meninas e os meninos são convidadas/os a sentar em círculo, cada um recebe dois cartões, um dirá "concordo" e o outro dirá "discordo". Explicar que o "repolho" será passado de mão em mão ao ritmo da música. Uma pessoa da equipe facilitadora ficará encarregada de interromper a música em determinado momento. Quem estiver com o "repolho" quando a música parar deve retirar uma das tiras enroladas, ler a afirmação e o restante das meninas e meninos deve votar se concorda ou discorda da frase. Uma pessoa da equipe de facilitação deve anotar quantas meninas concordaram e discordaram, e quantos meninos também. Quando terminar essa votação, a música volta a tocar e o "repolho" segue passando, e assim sucessivamente até retirarem todas as frases.

Socialização: Quando todas as tiras com frases forem lidas e votadas, a equipe facilitadora deve motivar a reflexão com perguntas instigantes:

Para cada afirmação deve perguntar:

- Por que vocês concordam com essa afirmação?
- Por que vocês discordam dessa afirmação?
- Que diferenças vocês encontram entre as declarações que falam sobre meninas e aquelas que falam sobre meninos?
- Quais dessas afirmações acontecem na realidade?
- Quais dessas afirmações são justas para meninas e mulheres?
- Quais dessas afirmações são injustas para meninas e mulheres?
- As mulheres devem fazer coisas diferentes dos homens por amor?

Ideias- força:

- O amor é ensinado de maneira diferente para mulheres e homens. As mulheres são treinadas a suportar a injustiça e ser infelizes por amor.
- Aos homens se ensina que o amor deve servir para dominar, chantagear, manipular e controlar as mulheres, isso não é amor verdadeiro porque magoa.
- O amor é um sentimento, mas a maneira de expressá-lo, interpretá-lo e vivê-lo é ensinada de forma diferente para mulheres e homens. Mulheres e meninas são ensinadas a sempre esperar ser amadas por um homem, ser "resgatadas" das suas famílias pelos homens que as tornarão suas esposas e rainhas do lar, enquanto uma mulher não pode fazer o mesmo, porque os homens não precisam disso: eles são livres.
- Às mulheres e meninas se ensina que devem dar um amor incondicional, diferente dos homens que sempre escolhem seu conforto e bem-estar em primeiro lugar. Por exemplo, quando se separam de suas esposas, os homens quase se esquecem de suas filhas e filhos, não fazem os mesmos esforços que as mulheres.
- Às mulheres e meninas se ensina que podem amar apenas um homem. Já os homens aprendem que podem ter muitos "amores".
- Às mulheres e meninas se ensina que, sem um parceiro, elas não são nada e que devem ter sempre um homem ao seu lado. Os homens, por outro lado, são ensinados a viver sua vida de solteiros em paz.
- A meninas e meninos se ensina que qualquer pessoa pode tocar seu corpo, e às vezes são obrigadas/os a dar beijos ou abraços em alguém (mesmo que seja familiar ou conhecido), mesmo que não queiram. É importante dizer à mãe e ao pai por que não queremos abraçar ou beijar essa pessoa, e cumprimentá-la apenas com a mão.

Exercício de encerramento: Faça um exercício com as meninas e meninos no qual elas e eles possam escrever, desenhar ou fazer uma colagem sobre como querem ser amadas/os pelas pessoas adultas e por suas amiguinhas/os. Também escreverem um direito que acreditam ter, de acordo com esse tópico.

Tópico 5: A desigualdade é a base da violência

Este tópico destina-se a encorajar meninas e meninos a trocar papéis para que os homens possam começar a ter empatia com as mulheres, e as mulheres possam reconhecer o poder abusivo dos homens.

Técnica 1: Sociodrama, na pele da outra pessoa

Tempo: 120 minutos

Materiais: Roupa de mulher, roupa de homem, bonés, chapéus, cachecóis, bolsas, maquiagem, bonecas, carrinhos, armas, espadas, fogões, pratos, bolas, cartões.

Pede-se que escolham brinquedos, roupas e outros objetos que estejam nas caixas para fazer um sociodrama. Pede-se como forma de "ensaio" que brinquem com o brinquedo que escolheram por cerca de 5 minutos. A seguir, solicita-se que o grupo troque seus brinquedos: as meninas entregam seu brinquedo aos meninos, e vice-versa, e brincam com o novo brinquedo por mais 5 minutos. A equipe facilitadora deve estar atenta às reações das meninas e meninos, para observar os estereótipos de gênero em relação ao brinquedo.

Ao final da brincadeira, pede-se às participantes que desempenhem os papéis de homens, aos participantes que desempenhem os papéis de mulheres e que recebam as roupas e objetos necessários (roupas, bolsas, bijuterias, bonecas fingindo ser seus bebês) para começar o sociodrama. A equipe facilitadora dará as cenas para interpretar:

a. Cena 1: Um grupo de meninas (interpretadas pelos meninos) está no recreio em sua escola e são instruídos a fazer o que veem as meninas fazendo quando se encontram no recreio em sua escola. Um grupo de meninos (interpretados por meninas) chega para "incomodar" e "namorar" as meninas, elas são instruídas a fazer tudo o que viram/vivenciaram que os meninos fazem com as meninas.

b. Cena 2: As meninas que estão brincando de meninos estão organizadas em duas filas, fingindo ser um grupo de homens como aqueles que ficam nas esquinas de seus bairros e dizem coisas para as meninas/mulheres. Os meninos que estão interpretando o papel de meninas devem passar agora no centro, entre as duas fileiras de "homens", e agir como meninas.

c. O desamparo aprendido é uma afetação psicológica que, nas mulheres que vivem em situação permanente de violência, gera nelas a incapacidade de responder e se defender, diminui sua capacidade de resolver problemas, provoca uma sensação de fracasso e de que nada do que fizerem irá ajudá-las, sentindo-se incompetentes, convencidas de que são indefesas e ficam deprimidas.

Socialização: Após as apresentações, a equipe facilitadora pedirá às meninas e aos meninos que se sentem em círculo e, por meio de perguntas simples, provocará uma reflexão sobre as diferentes dramatizações.

Perguntas:

- Como os meninos se sentiram interpretando as meninas?
- Como as meninas se sentiram interpretando os meninos?
- Qual foi a coisa "mais feia" (difícil) que você teve que dramatizar? Por que era feio?
- Qual foi a coisa mais bonita (fácil) que você teve que dramatizar? Por que foi legal?
- Os meninos sentiram medo quando interpretaram as meninas?
- As meninas se sentiram com "mais poder" ao interpretar os meninos?
- Os meninos já tiveram medo de serem estuprados?
- As meninas tiveram medo de serem estupradas?
- Os meninos gostariam de vivenciar o que as meninas vivenciam?
- No que as dramatizações são semelhantes à vida real?
- O que podemos aprender com esta atividade?

Ideias-força:

- Os estereótipos de gênero são uma forma de discriminação e de violência, uma atitude que fere as pessoas e viola seus direitos, portanto, é necessário que deixemos de fazer e dizer todas as coisas que discriminam as mulheres e as pessoas.
- A violência é algo que se aprende na infância, não é algo natural nas pessoas, por isso é necessário que os meninos se coloquem no lugar das mulheres para que comecem a mudar, porque podem fazê-lo.
- Peça aos meninos que estão interpretando as mulheres para fazerem uma dramatização de violência como um casal, em que as meninas fazem o papel de homens. Aqui a intenção é refletir sobre o desamparo aprendido. As meninas são ensinadas a acreditar que são fracas e pensam que não podem se defender porque são mulheres, isso as coloca em risco e muitas vezes as paralisa diante do perigo. Por isso, é necessário que meninas e mulheres parem de acreditar que são fracas e indefesas e comecem aos poucos a se proteger.

- Meninas e mulheres não querem ser estupradas ou machucadas, o sistema patriarcal põe a culpa sobre elas para impedir que os agressores assumam suas responsabilidades. Só quem exerce a violência é responsável, não as vítimas, pois a violência não tem justificativa. O corpo das pessoas é intocável e deve ser respeitado.

- O machismo ensina os meninos a acreditarem que são donos das mulheres e de tudo, e que é "normal" agredi-las, portanto, cada menino deve aprender a lutar contra o seu machismo. A violência é um crime e se um menino cresce machista na idade adulta pode cometer crimes violentos.

- Mulheres e homens têm os mesmos direitos humanos, porém, isso não é respeitado na sociedade, por isso é necessário que conheçamos nossos direitos e os defendamos.

Exercício de encerramento: Dê a cada menina e menino um cartão e um pincel atômico ou lápis e, após a reflexão, peça aos meninos que escrevam algo que possam mudar em seu comportamento para não reproduzir a discriminação contra as meninas e peça às meninas que escrevam o que esperam dos meninos para que não mais as discriminem.

Tópico 6: Reconhecendo meus fatores de proteção

O objetivo deste tópico é que as meninas e meninos, por meio de todo o processo de reflexão proposto neste Guia, e como fechamento, possam identificar os seus fatores de proteção e referências em que confiam.

Técnica: A colagem do meu roteiro de proteção

Tempo: 120 minutos

Materiais: Revistas, jornais etc., com ilustrações para recortar, tesouras, cola de papel, flip charts, lápis de cor, pincéis atômicos, fita adesiva, cartões.

Descrição: Trabalho individual em grupo: As meninas e os meninos se juntam em grupos de três ou quatro, cada um recebe um flipchart dividido ao meio. Para cada grupo são dadas várias revistas, jornais ou qualquer material com imagens para recortar, tesoura e cola de papel, e são informados que esses materiais devem ser compartilhados entre todas e todos. Pede-se que escrevam o título "É assim que me sinto protegida/o" no centro do flipchart e que encontrem as imagens que expressam como cada uma e cada um se sente protegida/o e que façam uma colagem. No outro flipchart, devem escrever "Para onde ir e com quem falar quando eu me sentir em perigo". Pede-se que procurem imagens que reflitam para onde iriam e quem procurariam em uma situação de perigo.

Socialização: Uma vez terminadas as colagens, a equipe facilitadora deve colá-las nas paredes ou colocá-las no chão, e orientar as crianças para se levantarem e caminharem para observar e analisar a mensagem que cada colagem quer transmitir, esclarecendo que não é permitida a zombaria.

Quando todas/os tiverem terminado de olhar as colagens, solicite que se sentem em círculo e peça a cada pessoa que explique o seu trabalho. A equipe facilitadora tomará notas nos flipcharts.

No final, a equipe facilitadora deve fazer uma avaliação com meninas e meninos, reforçando todas as ideias positivas para a autoproteção, e esclarecendo aquelas que reforçam a violência.

Ideias-força:

- Todas as meninas e meninos têm o direito de serem protegidas/os por pessoas adultas, sejam parentes, professoras/es, lideranças etc.
- Todas as meninas e meninos devem procurar pessoas e lugares que as/os façam sentir-se protegidas/os, ou seja, onde não sejam machucadas/os, agredidas/os, humilhadas/os, espancadas/os, apalpadas/os, tocadas/os no corpo sem permissão e que não as/os façam sentir medo ou vergonha.
- As pessoas que podem proteger meninas e meninos devem ser aquelas que as/os escutam com respeito, acreditam nelas/es, não tocam seu corpo nem lhes dizem coisas obscenas (libidinosas), não as/os chantageiam, estão próximas/os e podem acompanhá-las/os para buscar ajuda de outras pessoas ou em outros lugares.
- Meninas e meninos devem sempre contar a essa pessoa de confiança se alguém tocou seu corpo, lhe disse coisas obscenas (libidinosas), ameaçou ou tentou chantageá-la/o oferecendo dinheiro, coisas, passeios etc., em troca de algo (irem a algum lugar sozinhos, tocar partes íntimas do seu corpo etc.). É normal sentir medo ou vergonha, mas aquela pessoa de confiança vai entender e ajudar, o importante é contar tudo para que ela possa proteger as meninas e meninos.
- Meninas e meninos devem sempre lembrar que seu corpo é privado e intocável.

Exercício de encerramento: Dar a cada menina e menino um cartão e pincéis atômicos para que possam escrever, com base nesse tópico, quais direitos acreditam ter.

3.2 Palavras para educadoras e educadores

Facilitar os processos de reflexão requer que as e os membros da equipe facilitadora cumpram os seguintes requisitos:

1. Estar convencidas/os e comprometidas/os com os direitos das meninas, meninos, adolescentes e mulheres.
2. Estar informadas/os sobre gênero, prevenção da violência, direitos das meninas, meninos, mulheres e homens adolescentes, mulheres e direitos humanos em geral.
3. Ter conhecimentos e capacidades para utilizar técnicas lúdico-pedagógicas para poder improvisar ou inovar essas propostas, se necessário. Acima de tudo, muita criatividade.
4. Devem ser pessoas coerentes nas ações e palavras respeitando todas as pessoas sem discriminação.
5. Devem ter tido um processo pessoal que lhes permitiu refletir e mudar seus próprios mitos, estereótipos e desinformação sobre os assuntos abordados neste Guia.
6. Devem gostar de trabalhar com meninas e meninos, ser dinâmicas/os, saber ouvir sem julgar, respeitar o ritmo de cada pessoa e dos grupos. O importante é que meninas e meninos aprendam através da reflexão pessoal e não com uma aula.
7. Devem estar atentas/os, propiciar, encorajar, promover reflexões e mudanças nas meninas, meninos, mulheres e homens adolescentes. O que eu faço se eu não prestar atenção? Ressignifica-se porque no menino e na menina devem ser gerados novos conhecimentos, que é o que o menino e a menina colocam em prática nas suas vidas.
8. Devem utilizar uma linguagem simples, clara, concreta, breve e direta para dar orientações e explicações, para que as mensagens cheguem com clareza às meninas e meninos.
9. Devem ter em mente que uma e um bom facilitador não é aquela/e que tem todas as respostas, mas sim aquela/e que sabe fazer perguntas que geram reflexão e autoaprendizagem nas e nos participantes.

10. Devem estar abertas/os a sugestões das meninas e meninos para melhorar o trabalho e aprender com elas e eles.

11. Devem ter sua menina e menino interior bem "alimentada e alimentado", ter sempre em mente sua infância para que possam ouvir com empatia as meninas e os meninos.

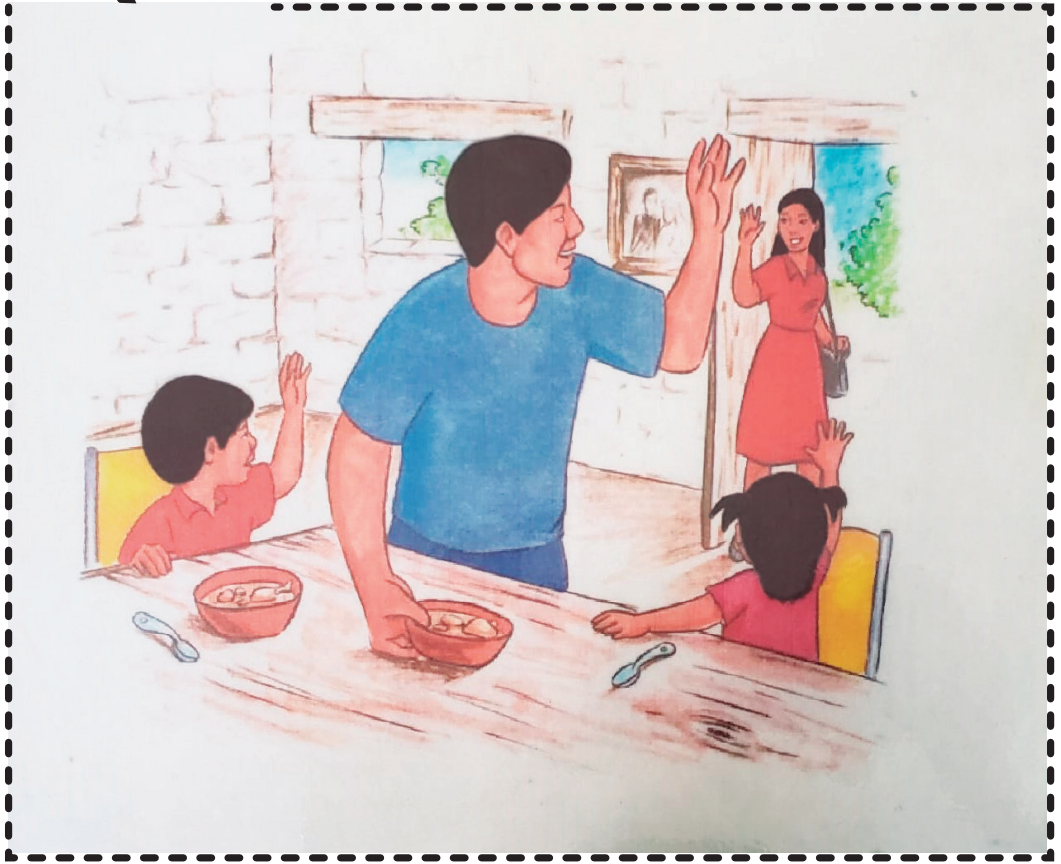
Ao longo do caminho, você irá aprendendo outras atitudes e capacidades que lhe permitirão crescer e melhorar como facilitadora e facilitador de processos com meninas e meninos. Você também pode buscar informações sobre facilitação e isso lhe trará ideias, mas lembre-se de que facilitar não é apenas uma ciência, mas também uma arte. Esperamos que este Guia lhe seja útil e também lhe forneça ideias que você possa adaptar ao seu trabalho de promoção e defesa dos direitos de meninas, meninos e adolescentes e da igualdade.

RECORTE AS IMAGENS















Missão:

Contribuir para a promoção e defesa dos direitos das meninas, meninos e adolescentes por meio de processos educativos de empoderamento nas famílias, escolas e comunidades rurais com meninas, meninos, adolescentes e outros atores.

Visão:

Meninas, meninos e adolescentes e suas famílias vivendo em ambientes seguros com igualdade, equidade e respeito; com oportunidades para sua formação integral, capazes de se organizar e influenciar com protagonismo para defender seus direitos e contribuir para o desenvolvimento das suas comunidades.

